

O macabro julgamento de um Papa defunto: Quando a Igreja julgou um cadáver

written by Vitor Lima | 6 de Dezembro, 2025



Roma, 897 d.C. – Um episódio sombrio da história eclesiástica
Na Basílica de São João Laterão, em janeiro de 897, ocorreu um dos eventos mais perturbadores da história medieval: o julgamento de um papa já falecido. O Papa Estêvão VI mandou exumar o cadáver de Formoso, seu antecessor, apenas nove meses após a sua morte, e submeteu-o a um julgamento público que ficaria conhecido como o Sínodo de Cadáveres – ou Synodus Horrenda, em latim.

O Tribunal inusitado

O corpo embalsamado de Formoso foi colocado num trono, vestido com trajes pontificais. Um diácono foi designado para responder pelas acusações em nome do Papa morto. Estêvão VI, pessoalmente, interrogou o cadáver sobre alegados “crimes”: perjúrio, ascensão ilegal à papacia e violação da lei eclesiástica por presidir simultaneamente duas dioceses.

A cena era descrita como perturbadora: um corpo em decomposição, sentado num trono, enquanto vozes acusatórias ecoavam pela basílica.

Motivações políticas, não religiosas

Por trás da fachada religiosa, escondia-se uma feroz luta pelo poder. Formoso tinha cometido o “crime” de coroar Arnulfo de Caríntia como Imperador Romano em 896. Esta decisão desagradou profundamente a facção que apoiava Lambert de Spoleto, precisamente a facção representada por Estêvão VI.

O julgamento foi convocado estrategicamente após Lambert e sua mãe terem conseguido o controlo de Roma – transformando o processo num instrumento de repressão política disfarçado de justiça eclesiástica.

Uma condenação brutal

Formoso foi declarado culpado. A sentença foi execrável: três dedos da mão direita do cadáver foram cortados, num acto de profanação que chocou até mesmo os padrões da época medieval. Mais grave ainda, todos os actos de Formoso foram anulados – o que incluía, ironicamente, a própria ordenação de Estêvão VI como bispo, tornando-o tecnicamente inválido no seu cargo.

A revolta popular e o castigo de Estêvão

A população romana reagiu com horror e revolta. O corpo de Formoso foi atirado às ruas e encontrado nas margens do rio Tibre. Circulavam rumores de que até o cadáver em decomposição realizava milagres – um claro sinal da desaprovação popular. A história de Estêvão VI terminaria com tragédia poética. Deposto apenas meses depois, foi preso, julgado e estrangulado na prisão entre julho e agosto de 897 – menos de um ano após o seu macabro “triunfo”.

Reparação e reabilitação

Em dezembro de 897, poucos meses após a morte de Estêvão VI, o Papa Teodoro II convocou um novo sínodo que anulou completamente o Sínodo de Cadáveres. Formoso foi reabilitado e seu corpo foi reenterrado com as honras devidas a um papa –

uma reparação simbólica que não lhe pôde devolver a dignidade em vida.

Um reflexo de uma Igreja conturbada

O episódio do Sínodo de Cadáveres permanece como testemunho de um período tumultuoso na história da Igreja Católica – uma época em que a fé se entrelaçava com ambições políticas, e em que até os mortos não escapavam às intrigas do poder. Historiadores consideram este evento como marcante na compreensão do pontificado medieval e da complexa relação entre autoridade espiritual e poder temporal na Roma do século X.

Fontes oficiais consultadas

Enciclopédias Académicas:

- *Britannica* – Artigos sobre Papa Estêvão VI, Papa Formoso e Cadaver Synod
- *JSTOR Daily* – “The Cadaver Synod: Putting a Dead Pope on Trial”
- *Wikipedia* – Cadaver Synod (compilação de fontes históricas)

Cronistas Medievais Primários:

- *Liutprando de Cremona (920-972)* – Cronista do século X, testemunha próxima dos eventos; registou os interrogatórios e reações da população romana

Arquivos Históricos:

- *Arquivo Apostólico do Vaticano* – Documentos originais da época medieval

Obras Académicas de Referência:

- *Gregorovius* – “Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter” (História de Roma na Idade Média)